

BFK em casa

*A dupla ameaça aos povos indígenas
por Aparecida Vilaça*



Parque Indígena do Xingu, MT, c. 1975. Foto de Maureen Bisilliat / Acervo IMS

Nas aldeias, a covid-19 devasta os corpos e destrói toda uma concepção de mundo, replicando a violência da ação predatória dos invasores. Este artigo é parte da série #IMSquarentena, que reúne ensaios do acervo, colaborações inéditas e uma seleção de textos que ajudem a refletir sobre o mundo em tempos de pandemia.

Em quarentena no Rio de Janeiro, tenho muitas vezes meu pensamento levado à Amazônia e seus habitantes. Em primeiro lugar, pelo medo de que o vírus atinja as aldeias, o que é provável, dado o descaso das autoridades com os indígenas e, no caso do presidente da República, com o vírus em si. Já há seis casos de indígenas contaminados segundo o observatório do Instituto Socioambiental. Caso o vírus não seja contido por meio de ações que controlem a entrada de não-indígenas nas aldeias, a tragédia terá uma dimensão inimaginável, pois as relações sociais indígenas são impensáveis sem a proximidade física, a partilha de comida e os cuidados diários. Os próprios atos de carinho, concebidos por eles como constituintes de pessoas saudáveis e plenamente humanas, tornaram-se, com o vírus, vetores da doença e da morte. Quando as epidemias chegaram aos Wari', trazidas pelos forasteiros no momento dos primeiros contatos, entre 1956 e 1962, os efeitos foram devastadores. Gripe, pneumonia, parasitos intestinais e infecções de diversos tipos dizimaram mais da metade da população do povo indígena do sudoeste amazônico. Eram doenças desconhecidas, para as quais os xamãs não tinham meios de cura. O som no entorno, contaram-me os que sobreviveram, era de uma tosse constante, acompanhada de gemidos, que se ouviam ao longe. Como agravante, viviam então quase sem comida, pois tinham abandonado suas roças, em fuga dos seringalistas e capangas que há mais de uma década invadiam suas aldeias armados, às vezes com metralhadoras, e matavam quase todos os habitantes. Os que conseguiam fugir precisavam lidar com a dor de deixar seus mortos para serem comidos por urubus. A impossibilidade de um funeral adequado é dilacerante e, vemos hoje, seis décadas depois, uma situação análoga exibida quase diariamente na televisão: caixões empilhados em caminhões e enterrados sem a presença dos parentes. Os Wari' conhecem bem a dor dos italianos.

EQUIPE

Adriana Ornellas
Bibliotecária
Dulce Maranhã Paes de Carvalho
Bibliotecária
Soraia Capello
Bibliotecária
Fernando Henrique de Almeida
Auxiliar de biblioteca
Márcio Miranda
Auxiliar administrativo

BFK em casa, n.1, 2020

Indicação de leitura

por Luiz Fernando Dias Duarte
prof. da disciplina Antropologia do Meio
Ambiente



Trata-se da obra mais importante do filósofo e historiador húngaro Karl Polanyi. Descreveu as características e implicações da criação da "sociedade de mercado" no Ocidente moderno. Baseado em dados etnológicos, sobretudo de Malinowski, propôs a diferença entre as visões "substancialista" e "formalista" da vida econômica. As primeiras levam em conta o "entranhamento" (embeddedness) da produção econômica no todo social, enquanto que as segundas pressupõem um mundo em que o "econômico" se autonomizou da trama social, dando lugar a instituições, procedimentos e teorias caracteristicamente "de mercado".

BFK em casa

Os assassinados por arma de fogo eram associados por eles à caça: os predadores não os enxergavam como humanos – “éramos como queixadas”, costumavam dizer-me. As novas doenças, entretanto, não podiam ser vistas assim, pois não constituíam atos de predação explícita. Sem conhecer ou mesmo conceber a existência de vírus, protozoários e bactérias, pequenos seres vivos ou semivivos com ação própria, os Wari’ não entendiam a causa do enfraquecimento ou das mortes. Referiam-se à “grande doença dos brancos” e tentavam se manter vivos, fugindo para o interior da floresta. Para eles, a doença não deve ser enfrentada, mas evitada; é preciso ir para longe dela. Com isso, tornavam-se inacessíveis às injeções de antibióticos que os próprios portadores das doenças tentavam aplicar-lhes, causando assim o alastramento da epidemia.

Clique no link para ler texto na íntegra: [Revista Serrote](#)

Aparecida Vilaça é professora do PPGAS e ministra a disciplina Estrutura social de grupos tribais esse semestre

Quer publicar seu texto nesse espaço?

Envie seu texto relacionando o momento atual em que vivemos com sua área de estudos para o e-mail bfkppgas@mn.ufrj.br com até 600 palavras e uma imagem ilustrativa

NOTÍCIAS - COMUNIDADE UFRJ

A UFRJ, por meio do Grupo de Trabalho Multidisciplinar para Enfrentamento da COVID-19, elaborou o Plano de Contingência para enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus no âmbito da Universidade. [Clique aqui](#)

O Sistema de Bibliotecas (SiBI), da UFRJ, criou uma página com fontes de informação confiáveis sobre a COVID-19. [Clique aqui](#)

Servidor da UFRJ com Covid-19 deve notificar a universidade. [Clique aqui](#)

Campanha recebe doações para hospitais da UFRJ. [Clique aqui](#).

CHAMADAS DE TRABALHOS

44. Encontro Anual da ANPOCS
Envio de resumos até 04.05. Acesse [aqui](#).

Contribuição para a Revista Tessituras, dossiê
Perspectivas antropológicas afrolatinas e caribenhas.
Acesse [aqui](#).

Sugestão de conteúdo

Para divulgar textos, sugerir conteúdos, divulgar publicações ou eventos, envie-nos um e-mail para bfkppgas@mn.ufrj.br com o assunto **BFK em casa - Sugestão**

PERIÓDICOS - ÚLTIMOS NÚMEROS

Anuário Antropológico
v.44, n.1, 2019 Acesse [aqui](#).

Antropolíticas
n.48, 2020. Acesse [aqui](#).

Horizontes antropológicos
v.26, n.56, mar. 2020. Acesse [aqui](#).

Sociologia & Antropologia
v.10, n.1, 2020. Acesse [aqui](#).

POST MAIS CURTIDO NO INSTAGRAM DA BIBLIOTECA

 bibliotecadoppgas



O destaque da semana foi o primeiro post de uma série sobre as pessoas que fazem parte do PPGAS. Nesse primeiro post, o professor Carlos Fausto contou um pouco sobre sua trajetória e sua relação com a BFK. Na próxima semana, ainda teremos mais dois posts sobre o que ele vem produzindo e quais são seus projetos. [Acesse aqui](#).

PROJETOS - BFK

Nesse momento de home office, a equipe da BFK está estruturando o trabalho interno, atualizando as redes sociais e dando continuidade a alguns projetos como, por exemplo, a alimentação do Pantheon que é o repositório institucional da UFRJ. Assim que definirmos e estruturarmos os procedimentos, passaremos mais informações. Enquanto isso, é possível conhecer e navegar pelo site do Pantheon: <https://pantheon.ufrj.br/>

